



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
INSTITUTO DAMIÃO DE GÓIS

ANÁLISE TRIMESTRAL DE CONJUNTURA

Número 2

Fundação Cuidar o Futuro

Fevereiro/84

1. DOMÍNIO GLOBAL

Tal como se havia previsto no número anterior da "Análise Trimestral de Conjuntura", a evolução do comércio externo foi, no decurso de 1983, muito favorável, estimando-se que o défice da balança de transacções correntes se tenha quedado bem aquém da meta prevista no acordo celebrado com o FMI.

Tal evolução, foi, no essencial, conseguida à custa das trocas comerciais de bens e serviços já que, quer as remessas dos emigrantes quer as receitas do turismo, registaram um comportamento bastante desfavorável - de Janeiro a Outubro, as variações homólogas atingiram, em dólares, respectivamente, os valores de -17% e -6%.

Muito embora se não encontrem ainda disponíveis dados relativos a todo o ano de 1983, a balança comercial deverá registar uma notória recuperação - no III trimestre, o défice comercial quedou-se, em dólares, em cerca de metade do valor correspondente atingido em 1982.

Estima-se que, de Janeiro a Novembro, as importações tenham registado, em dólares, uma variação homóloga de -15% (+17,5 em escudos*), sendo que as exportações deverão ter registado uma variação, também em dólares, de +11% (+52,1% em escudos*). Esta evolução duplamente favorável determinou que, naquele período, a variação homóloga do défice comercial tenha atingido o valor de -38%, em dólares. Consequentemente, a margem de cobertura acusou uma marcada melhoria, passando, em escudos, de 44%, em 1982, para 57% em 1983.

Os (excessivos) constrangimentos impostos às importações contribuíram, em boa medida, para a pronunciada retracção do nível de actividade económica. Na agricultura e nos serviços ocorreram acentuadas quebras dos respectivos níveis de actividade enquanto a indústria viveu, praticamente, uma situação de estagnação.

* Valores reportados a todo o ano de 1983.

A inflação, por seu turno, atingiu níveis significativamente superiores aos previstos, já que a taxa média do crescimento dos preços, em 1983, montou a 25,5% em consequência do acentuado e generalizado agravamento dos preços na parte final do ano - em Dezembro, os preços no consumidor atingiram a taxa record de 33,9%, relativamente ao período homólogo.

A evolução dos depósitos dos residentes continuou a acusar, nos últimos meses do ano, um forte abrandamento, verificando-se, em termos nominais, uma variação homóloga de +19,6% no IV trimestre, (no III trimestre, a variação tinha sido de +22,1%).

Finalmente, o desemprego sofreu uma significativa agudização em 1983, sendo de salientar que o crescimento médio anual dos pedidos de desemprego por parte de desempregados atingiu o elevado valor de +26% contra o de +2% no ano de 1982.

Fundação Cuidar o Futuro

2. AGRICULTURA E PECUÁRIA

Em 1983, a produção agrícola deverá ter registado uma acentuada quebra - estimada em mais de 10% - relativamente à de 1982. A tal evolução não foi alheia à adversidade das condições climatéricas, sendo que a melhoria registada no final do ano - nomeadamente no tocante à queda pluviométrica - já não produziu efeitos em 1983.

Os produtos que acusaram quebras mais notórias relativamente ao ano de 1982 foram, basicamente, os seguintes: o azeite com um decréscimo superior a 80%, os citrinos (-25%), a batata (-8%), o trigo (-3%), o vinho (-21%) e, ainda, a aveia, a cevada, a fava, o grão-de-bico e as oleaginosas.

O milho (+28%), o feijão, o tomate e os frutos frescos - nomeadamente o pêsego e a maçã - foram as produções que lograram uma evolução positiva.

No que concerne à produção pecuária, parece poder falar-se, em termos globais, de uma certa estagnação, se bem que com oscilações distintas dos seus diversos componentes.

Assim, o abate dos bovinos confirmou a tendência para a quebra (cerca de 10%) a que não serão alheios os condicionalismos resultantes do surto epidémico, da retracção no poder de compra nomeadamente nos últimos meses do ano, por parte dos consumidores e dos baixos preços oferecidos aos produtores.

Parecendo jogar em termos de alternativa, o abate de frangos poderá ter aumentado em cerca de 10% - com ligeira subida dos preços à produção - no último trimestre de 1983, situação que logo depois, parece ter estagnado.

O grupo "ovos e derivados de leite" registou uma quebra apreciável, com particular destaque para a produção de queijo (-12%). De notar que, ao nível das 3 grandes regiões ou áreas produtoras de leite (Entre Douro e Minho, Beira Litoral, e Estremadura e Alentejo) só a primeira parece ter mantido os rit

mos de produção dos últimos anos, já que, na segunda, não foram excedidos os níveis de 1980 e, na terceira, confirmou-se a quebra ocorrida nos anos anteriores.

No que respeita ao nível dos preços pagos à produção, merecem especial destaque os regimes de intervenção assegurados para o leite (com acréscimos a rondar os 50%) e os relativos aos cereais para a campanha 83/84, genericamente aceites como os mais favoráveis dos últimos anos.

O agravamento sistemático e generalizado dos factores de produção, em particular durante o segundo semestre de 1983, conduziu a práticas mais ou menos restritivas - particularmente ao nível das rações e dos adubos - com possíveis efeitos negativos em 1984. Os referidos agravamentos foram particularmente gravosos, tendo oscilado, num e noutro caso, entre os 60 e os 80%.

No que respeita à batata de semente, existe a ideia de que, em várias zonas do País, o seu consumo foi menor que o do ano anterior. Também aqui os custos subiram para valores nunca inferiores a 50%, continuando a persistir a sistemática "recusa" no escoamento da batata de semente de produção nacional, pese embora uma ou outra melhoria pontual.

Muito naturalmente, o grupo dos bens ligados à alimentação, contribuiu sensivelmente, em 1983, para o agravamento do índice de preços no consumidor. Assim ocorreram acréscimos muito significativos nos cereais e seus derivados, nos legumes, nas carnes, miudezas, salsicharia e animais de capoeira, no leite e nos ovos. Os aumentos no leite e na carne de vaca rondaram, sensivelmente, os 50%.

A retracção do sector é visível, também, ao nível do crédito agrícola utilizado, ou formalmente concedido como tal. Muito embora não se encontrem disponíveis dados rigorosos, afigura-se que a sua utilização conheceu, uma quebra significativa, talvez superior à taxa de inflação de 1983, sendo de realçar a quebra no crédito bonificado de curto prazo do SIFAP, por cer

to relacionada com os acréscimos nas taxas líquidas ocorridas durante o ano.

Em termos mais qualitativos, pode ainda constatar-se que a relação enviesada crédito curto prazo/crédito ao investimento, atingiu em 1983, níveis próximos da ruptura, como oficialmente e por várias vezes já se reconheceu.

Face ao exposto, é de admitir que se tenha agravado a tendência para o aumento do desemprego entre os activos agrícolas, com particular destaque para os assalariados rurais e os trabalhadores por conta de outrém, especialmente no Sul do País.

Fundação Cuidar o Futuro

3. INDÚSTRIA E ENERGIA

3.1. INDÚSTRIA

De Janeiro a Outubro de 1983, o nível de actividade da indústria registou uma pronunciada desaceleração - V.H. de +2,1 contra uma V.H. de + 4,9 em igual período de 1982 (ver Quadro I).

Tal desaceleração é, basicamente, um reflexo de marcada quebra ocorrida na produção da indústria transformadora - VH de +0,8 contra uma VH de +4,4, de Janeiro a Outubro de 1982 -, em bora não sejam despiciendos os efeitos da preocupante situação da indústria extractiva, cujo nível de actividade não cessa de regridir tendo atingido, no período em apreço, uma VH de -7,7% quando, em 1982, tal variação apresentava, apesar de tudo, sinal positivo (+1,1%).

A produção de electricidade e gás, por seu turno, acusou forte animação - VH de +17,5 contra uma VH de +11,2, em 1982 - - contribuindo, assim, para evitar uma quebra ainda mais pronunciada do IPI Geral.

Fundação Cuidar o Futuro

QUADRO I
INDICES DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL
 (Variações Homólogas)

		IPI GERAL	INDÚSTRIA EXTRACTIVA	INDÚSTRIA TRANSFORMADORA	ELECTRICIDADE E GÁS
<u>1982</u>	I SEMESTRE	+5.2	0	+4.2	+18.1
	II SEMESTRE	+3.9	-2.0	+3.8	+6.2
	JANEIRO a OUTUBRO	+4.0	+1.1	+4.4	+11.2
<u>1983</u>	I SEMESTRE	+3.0	-10.7	+2.3	+11.6
	JANEIRO a OUTUBRO	+2.1	-7.7	+0.8	+17.5

FONTE: Índice de Produção Industrial - INE

A análise do Quadro II - no qual se contêm os aspectos mais salientes do Inquérito de Conjuntura à Indústria Transformadora -, corrobora o panorama recessivo acima retratado.

Verifica-se que, perante o contraccionismo da produção, se acumulam os stocks dos produtos acabados reduzindo-se, concomitantemente, a taxa de utilização da capacidade produtiva instalada. A situação é particularmente inquietante nos sectores produtores de bens de equipamento, onde os stocks de produtos acabados atingem níveis invulgarmente superiores aos normais ocorrendo o inverso nas carteiras de encomendas. É, também, nestes sectores que a recessão da procura global é mais acentuada devido, no essencial, à fortíssima contracção da procura interna⁽¹⁾ - designadamente na segunda metade do ano - a qual induziu uma notória redução da taxa de utilização da capacidade instalada. De resto, a contracção da procura interna - determinada, basicamente, pela erosão dos salários reais, pelo aumento do desemprego e pelas elevadas taxas de juro - é, também nos sectores produtores de bens de consumo e de bens intermédios, a principal determinante da evolução desfavorável da procura global.

0.

(1) Note-se, no entanto, que se verificou uma perda da dinâmica do crescimento da procura externa nos últimos meses do ano

QUADRO II
INQUÉRITO DE CONJUNTURA À INDÚSTRIA TRANSFORMADORA
- Alguns Indicadores -

		1 9 8 2				1 9 8 3			
		I	II	III	IV	I	II	III	IV
Bens de Transformadora	Produção (a)	0	+6	-15	-1	+11	-3	-20	-2
	Stock Prod. Acabados (d)	+21	+26	+21	+19	+23	+21	+21	+22
	Proc. Global (d)	-20	-30	-30	-34	-29	-33	-34	-35
	Proc. Externa (c)	-26	-30	-32	-28	-21	-18	-16	-13
	Cart. de Encomendas (d)	11	10	10	10	10	9	9	9
	T. ut da Capacidade (%)	78	77	77	76	77	76	76	75
Bens de Consumo	Produção (a)	+5	+6	-8	0	+18	+1	-12	+3
	Stock prod. acab. (b)	+17	+24	+16	+10	+8	+11	+8	+11
	Proc. Global (c)	-13	-21	-19	-22	-21	-26	-19	-21
	Proc. Externa (c)	-16	-23	-24	-20	-14	-9	-11	-1
	Cart. de Encomendas (d)	6	6	5	6	5	5	5	5
	Tax.ut. da Capacidade (%)	75	75	74	74	73	73	74	72
Bens Inter.médios	Produção (a)	+3	0	-18	-4	+25	-1	-29	+10
	Stock Prod. Acabado (b)	+20	+23	+18	+16	+18	+12	+13	+13
	Proc. Global (c)	-22	-30	-26	-28	-26	-25	-27	-27
	Proc. Externa (c)	-41	-46	-44	-32	-20	-15	-11	-8
	Cart. de Encomendas (d)	6	6	5	6	5	5	5	5
	Tx. ut. Capacidade (%)	74	76	74	74	71	69	70	71
Bens de Equipamento	Produção (a)	-19	+9	-21	-16	+2	-30	-46	-7
	Stock Prod. Acab. (b)	+11	+27	+33	+35	+40	+54	+48	+54
	Procura Global (c)	-13	-37	-50	-57	-43	-53	-56	-65
	Proc. Externa (c)	-63	-59	-72	-64	-29	-23	-25	-28
	Cart. de Encomendas (d)	31	30	27	26	25	25	21	21
	Tx. ut. Capacidade (%)	78	79	74	71	75	72	69	69

FONTE: I.C.I.T.

- a) Diferença entre as respostas de aumento e de diminuição, durante o trimestre
 b) Diferença entre stocks superiores e inferiores ao normal, no final de trimestre
 c) Diferença entre as opiniões de procura forte e de procura fraca, no final de trimestre.
 d) Diferença entre as opiniões de procura forte e de procura fraca, no final do trimestre

Os indicadores disponíveis incidentes sobre a evolução do consumo privado (Quadro III) e do investimento (Quadro IV) apresentam, com meridiana clareza, a magnitude da contracção da procura interna. Particularmente notórias são as evoluções das vendas no comércio (sobretudo no comércio por grosso), das vendas de veículos comerciais (ligeiros e pesados) e das vendas de cimento e aço para a construção, as quais acumulam taxas de variação negativas.

QUADRO III
INDICADORES DO CONSUMO PRIVADO

	1 9 8 2				1 9 8 3			
	I	II	III	IV	I	II	III	IV
Vendas de comércio a retalho em relação ao trimestre anterior (1)	-22	-7	-11	+18	-26	-10	-21	
Vendas de bens duradouros no comércio por grosso em relação ao trimestre anterior (2)	-16.4	-20.3	-30.9	-26.2	-16.2	-33.5	-41.9	
Número de automóveis de passageiros e mistos vendidos (3)	4.1	14.3	2.4	-4.1	21.7	-1.6	8.1	

- (1) Saldo de opiniões; INE, Inquérito de Conjuntura ao Comércio a Retalho
 (2) Saldo de opiniões; INE, Inquérito de Conjuntura ao Comércio por grosso
 (3) Taxas homólogas em %

QUADRO IV
INDICADORES DE INVESTIMENTO

	1 9 8 2				1 9 8 3			
	I	II	III	IV	I	II	III	IV
Vendas de Bens de investimento no comércio por grosso (1)	-36	-21	-66	+19	-41	+4	-50	
Nº de veículos comerciais ligeiros vendidos (2)	8.4	9.5	-13.2	+30.2	-24.4	-45.6	-33.2	
Nº de veículos comerciais pesados vendidos (2)	-1.0	-11.7	9.9	-30.0	-12.7	-32	-46.5	
Vendas de cimento e aço para construção (2)	9.1	15.0	-14.3	4.2	-12.7	-9.8	-6.2	

- (1) Saldo de opiniões; INE, Inquérito de Conjuntura ao Comércio por Grosso
 (2) Taxas homólogas em %.

Em conclusão, podem identificar-se os seguintes traços marcantes da evolução conjuntural da indústria no período Janeiro/Outubro de 1983:

- quase estagnação do nível de actividade da indústria transformadora;
- forte contracção da procura interna dirigida a bens de consumo em resultado da quebra dos rendimentos reais;
- pronunciada recessão da procura interna de bens de equipamento;
- acentuada desaceleração das importações em consequência da recessão interna e das medidas restritivas ao investimento, mormente do público.

Quanto às perspectivas de evolução a curto prazo, a actividade industrial deverá continuar a ser condicionada e subordinada pela preocupação de redução do desequilíbrio das contas externas. É, assim, de admitir um agravamento da degradação do clima industrial quer pela continuação da desaceleração da procura interna (erosão dos salários reais, falências e aumento do desemprego), quer pelo ressurgimento de práticas especulativas (constituição de stocks, procura de activos em moeda estrangeira, antecipação a expectativas altistas dos preços).

3.2. ENERGIA

A menor adversidade das condições climáticas(1), a gestão mais parcimoniosa do sistema produtor, e, bem assim, o abrandamento do nível da actividade económica, parecem ser as principais razões justificativas da redução do saldo importador de energia eléctrica em cerca de 50%, face ao período homólogo (Janeiro a Setembro) de 1982.

Como já se referiu, o IPI relativo à "Electricidade e Gás" apresentou, entre Janeiro e Outubro, uma variação homóloga de +17,5% mas os índices relativos à "Extracção de Carvão" e "Derivados de Petróleo" evidenciaram (até Setembro) um andamento bem mais moderado (+3% e +3,4%, respectivamente).

O consumo de energia eléctrica registou, no III trimestre, uma variação homóloga de +4,5%, valor que patenteia uma significativa desaceleração face ao andamento anterior desta variável.

No tocante aos combustíveis líquidos verificou-se - pela primeira vez depois de 1980 - uma quebra do consumo - cerca de -7%, no III trimestre - a qual deverá estar fortemente correlacionada com os aumentos de preços registados. O consumo de gasolinas acusou, naquele período, uma variação homóloga de -0,2% (-7,5% para a normal e +3,4% para a super); o consumo de gásleo, por seu turno, apresentou, no mesmo período, uma variação de -3,4%.

Fundação Cuidar o Futuro

Finalmente, o consumo total(2) de fuel-óleo acusou, no III trimestre e em termos homólogos, uma forte retracção (-7,2%), a qual, no essencial, deve ser imputável ao abrandamento do nível de actividade da indústria transformadora.

(1) No fim de Setembro, as albufeiras tinham atingido 53% da sua capacidade, enquanto, no mesmo mês de 1982, tal valor se quedava em cerca de 35%.

(2) Não é, ainda, possível desagregar o consumo de acordo com o seu destino (indústria transformadora e produção de electricidade).

4. CONSTRUÇÃO E HABITAÇÃO

No 4º trimestre de 1983, acentuou-se a recessão, que nestes sectores, se vem verificando desde meados de 1982.

O consumo de cimento sofreu uma quebra de 19% relativamente ao trimestre anterior, e de 13% relativamente a período homólogo de 1982. No período em análise, o nível de consumo deste material regressou para o nível do 2º trimestre de 1979.

As vendas de aço mantiveram-se praticamente estacionárias (+1,4%), relativamente ao trimestre anterior mas acusam uma quebra de 33% quando referidas ao 4º trimestre de 1982. O consumo deste material, no trimestre em análise, situa-se ao nível dos consumos médios de 1979 e 1977.

A evolução relativa dos consumos de cimento e aço, no trimestre em referência, induz à conclusão de que, para além da recessão no sector legal, se deverá ter verificado, também, um abrandamento do ritmo da construção clandestina responsável pelo consumo de volume significativo de cimento, nos últimos anos. Esta situação explica-se por uma forte quebra dos rendimentos e nível de poupança das famílias e não porque tenham sido tomadas quaisquer medidas de contenção da urbanização clandestina.

As licenças concedidas para a construção de novas habitações apresentam uma evolução ligeiramente positiva (+0,3%) relativamente ao trimestre anterior, e fortemente positiva (+31,6%) em referência ao período homólogo de 1982. Os dados disponíveis não permitem determinar se este acréscimo se deve a uma evolução positiva nas expectativas de investimento futuro, ou a uma simples contabilização estatística da legalização de construções clandestinas a que se vem procedendo em resultado de acções de recuperação urbanística levadas a cabo em diversos concelhos.

Neste trimestre, verifica-se uma estabilização dos preços dos principais materiais e uma ligeira quebra (-4%) na subida do custo global de construção, relativamente ao trimestre anterior. Esta tendência

explica-se pela regressão da procura de materiais e na encomenda de obras.

Relativamente ao trimestre anterior, o crédito à aquisição de casa própria - que se manteve como o principal instrumento operativo da política habitacional - apresenta uma quebra de 15% no número de contratos celebrados, 12,6% do crédito concedido e de 12,7% no número de pedidos entrados nas Instituições de Crédito. O valor médio dos empréstimos vem acusando, também, uma redução significativa.

O crédito à produção apresenta, no 3º trimestre, evolução díspar, conforme se trate de financiamento a médio ou longo prazo. O crédito a longo prazo sofreu uma quebra muito acentuada (54,6%) relativamente ao 2º trimestre e de 22,4% relativamente ao período homólogo do ano anterior. O crédito de médio prazo aumentou de 47,6% e de 38,7%, respectivamente, em relação ao 2º trimestre de 1983 e ao 3º trimestre de 1982.

Esta evolução significa uma retração no investimento e o recurso ao crédito de curto e médio prazo para fazer face às necessidades de carteira e de tesouraria.

MEDIDAS ADOPTADAS NO 4º TRIMESTRE DE 1983

No período em análise não foram adoptadas quaisquer medidas de carácter económico e financeiro, ou institucional, com incidência no sector.

No âmbito legislativo, verificou-se uma actividade relativamente intensa, com a publicação dos seguintes diplomas:

DIPLOMA	DATA	ASSUNTO	ASPECTOS RELEVANTES
DL 413/83	23/11	Expropriações	Introduz alterações no Código de Expropriações, rectificando disposições processuais
DL 449/83	26/12	Empréstimos para a recuperação de Imóveis Degradados	Prevê a possibilidade de os municípios recorrerem ao crédito junto da CGD, MG, CPP e FAIH, para o relançamento do Programa PRID
DL 460/83	30/12	Auto acabamento de habitações	Regula a possibilidade de as habitações sociais serem concluídas, no seu respeito a acabamentos interiores, pelos seus adquirentes
DL 458/83	30/12	Financiamento à casa própria	Reforça as bonificações para as casas mais baratas . Facilita o acesso aos empréstimos por parte dos jovens casais

PRINCIPAIS BLOQUEAMENTOS DOS SECTORES

Conjunturais

- restrições no volume de crédito e gravosas condições de juro ;
- drástica redução das encomendas do sector público;
- forte redução da procura por quebra dos rendimentos familiares, com a acumulação de andares invendáveis pelas empresas. Verifica-se uma ruptura na relação preços de construção/capacidade económica das famílias;

Estruturais

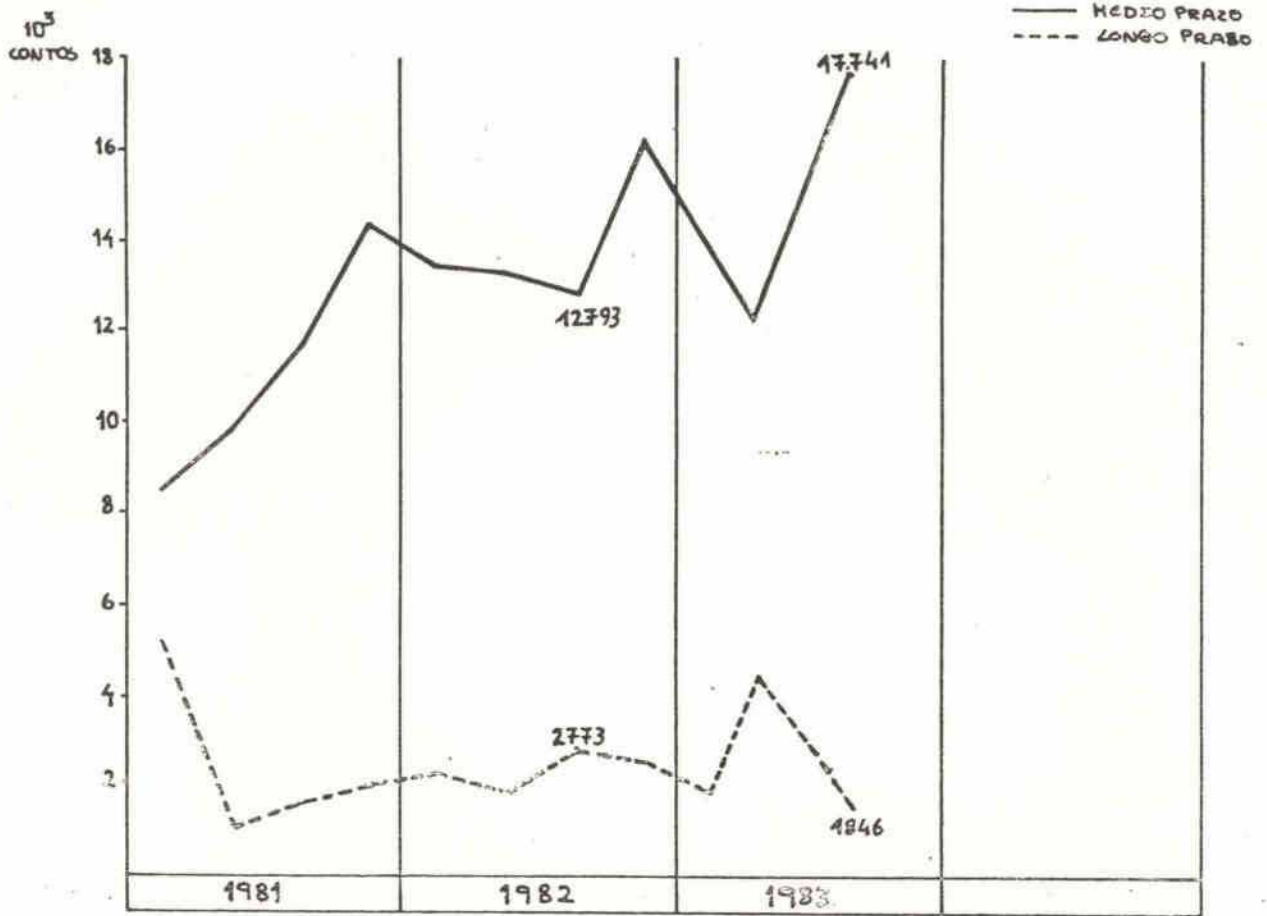
- inexistência de uma política de solos actuante e de medidas de contenção da urbanização clandestina;
- inexistência de uma política de habitação definida e de um organismo promotor e coordenador dessa política;
- debilidade das estruturas produtivas das empresas;
- baixos rendimentos da população.

PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO

Não tendo sido adoptadas medidas de relançamento da actividade e conómica geral e mantendo-se os estrangulamentos financeiros e a falta de instrumentos operativos da política de habitação, o prosseguimento da recessão destes sectores é previsível.

As medidas de carácter legislativo, adoptadas no 4º trimestre de 1983, são uma condição necessária, são por si só, ineficazes para a recuperação da actividades nestes sectores.

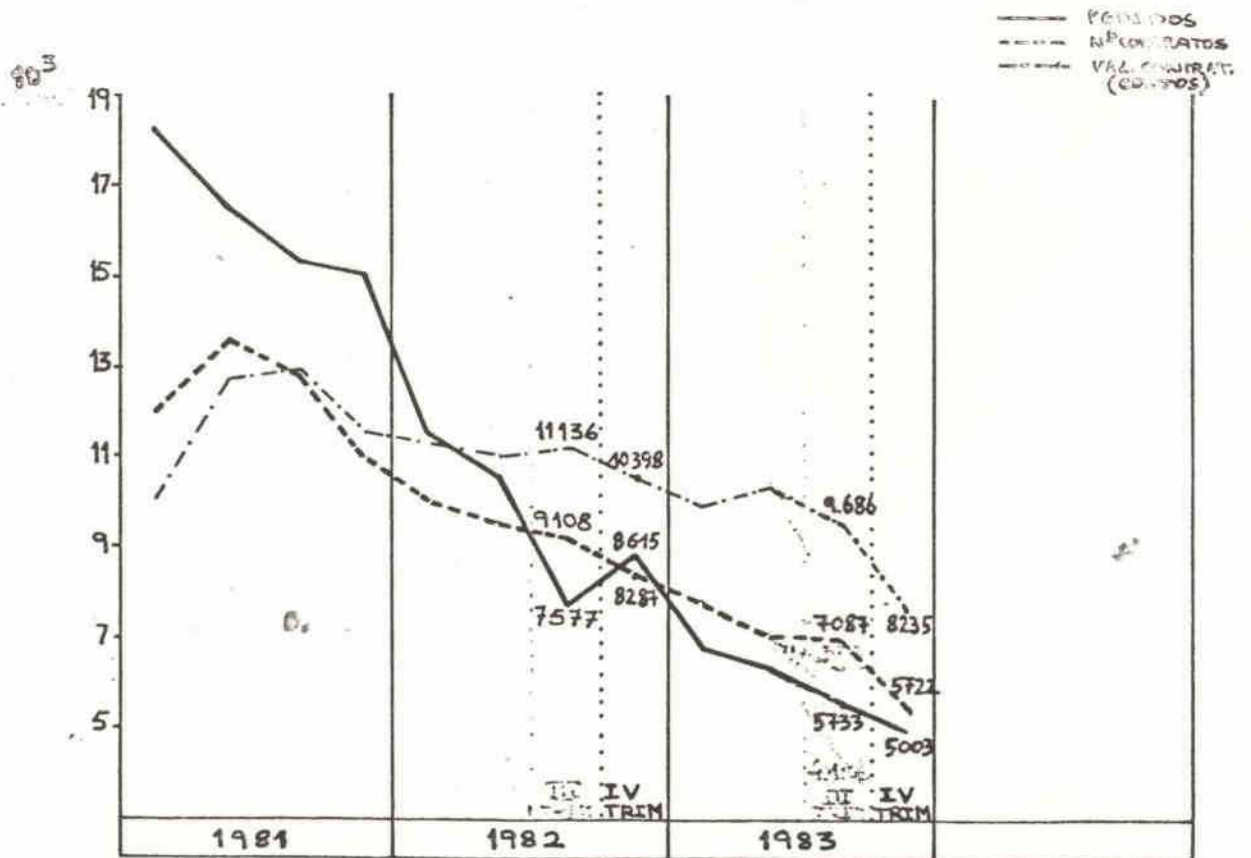
CRÉDITO À PRODUÇÃO



FONTE: BANCO DE PORTUGAL

Fundação Cuidar o Futuro

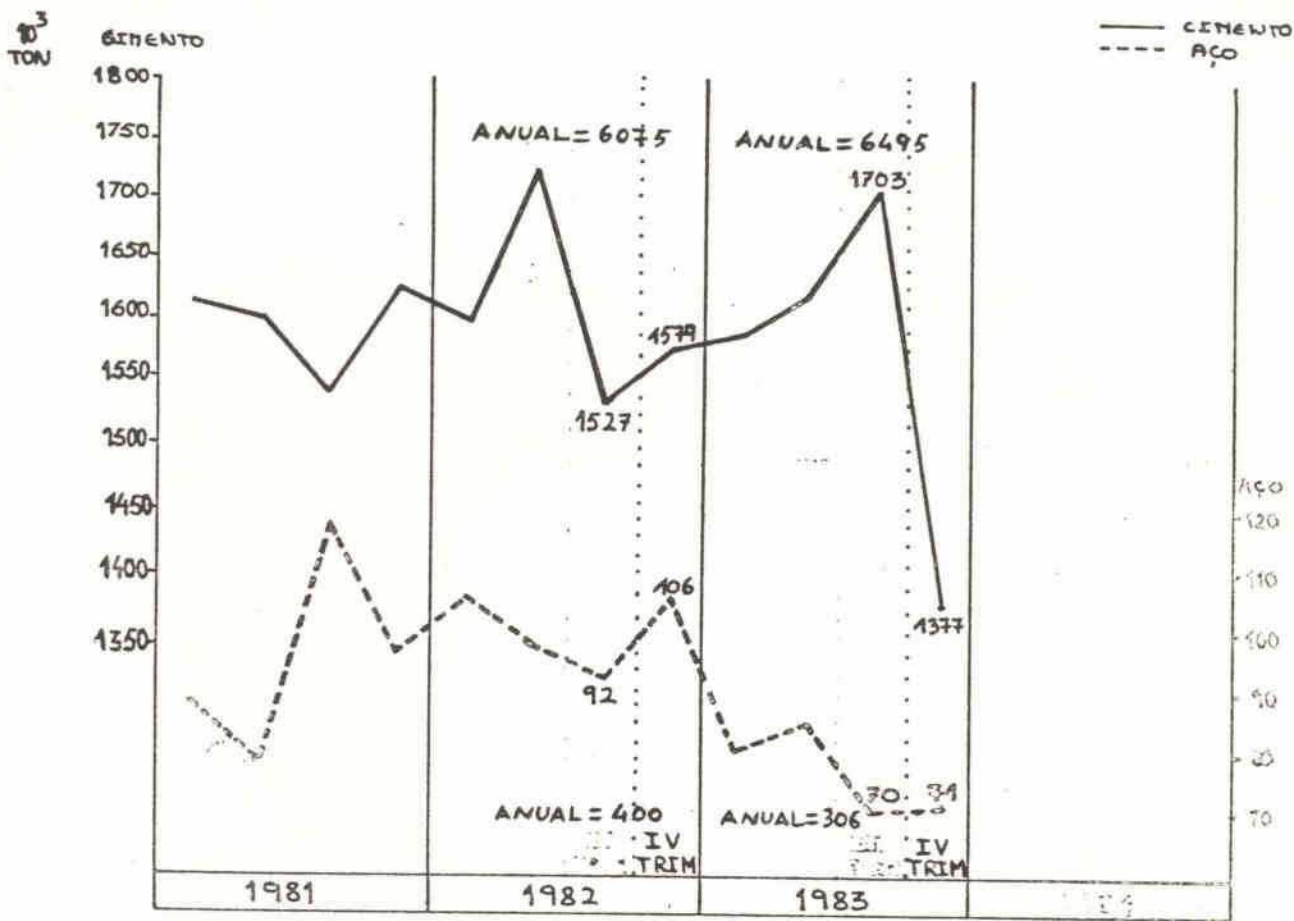
CRÉDITO À AQUISIÇÃO



FONTE: INST. CRÉDITO

Fundação Cuidar o Futuro

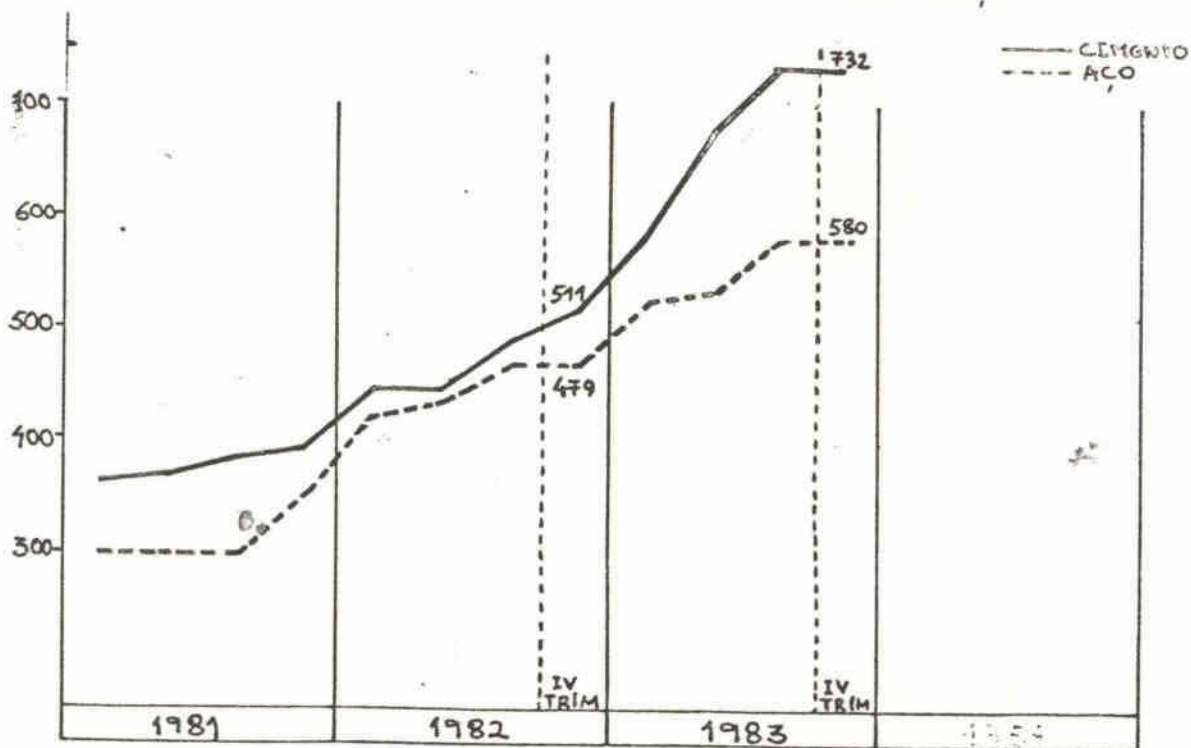
CONSUMO DE CIMENTO E VENDA DE AÇO



FONTE: AECOPS

Fundação Cuidar o Futuro

INDICE DE CUSTOS DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO



FONTE: D.R.

BASE MARC/76 = 100